

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

RAFAELA NAPOLEÃO DE MORAES

**NADANDO CONTRA AS CORRENTES: UMA ANÁLISE DA AÇÃO CONTRA-
HEGEMÔNICA DE UMA GEÓGRAFA DOCENTE NA ESCOLA PÚBLICA**

São Paulo,
2024.

RAFAELA NAPOLEÃO DE MORAES

**NADANDO CONTRA AS CORRENTES: UMA ANÁLISE DA AÇÃO CONTRA-
HEGEMÔNICA DE UMA GEÓGRAFA DOCENTE NA ESCOLA PÚBLICA**

Trabalho de Graduação Individual (TGI) apresentado ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharela em Geografia.

Área de concentração: Geografia Humana

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Donizeti Girotto

São Paulo,
2024.

A todos aqueles que acreditam no potencial emancipador da escola pública e lutam pela sua valorização.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, em especial a minha mãe, Josafá Alves Napoleão, que sempre batalhou muito e me ofereceu o que tinha e o que não tinha para que eu pudesse trilhar os caminhos que estou trilhando hoje. E a minha irmã, Gabriela Napoleão de Moraes, que me inspirou a gostar de estudar e sempre me apoiou nas minhas escolhas.

Aos meus amigos, de Jacareí e de São Paulo, que acreditaram em mim mesmo quando eu mesma não acreditava, e ajudaram a tornar essa experiência mais leve.

Agradeço ao Lucas Paulino e sua família, em especial Dona Clarice e Patrícia, que sempre me ajudaram de diversas maneiras nesses 5 anos de graduação na Universidade de São Paulo, uma experiência que sem eles seria muito mais difícil.

Ao professor Lucas Júnior, que me apresentou a universidade pública e que no ensino médio já havia me mostrado o quanto estudar Geografia é maravilhoso e ao mesmo tempo revoltante. Ainda me lembro da aula de Geografia Agrária em que decidi que no futuro eu também seria professora de Geografia.

Ao CASDVest, cursinho popular que me possibilitou ingressar em uma das melhores universidades da América Latina.

A Universidade de São Paulo, pública, gratuita e de qualidade!.

Ao meu orientador Eduardo Donizetti Giroto, que foi o meu primeiro professor da graduação e que me fez ter a sensação de ter escolhido o curso certo em todas as disciplinas que cumpri com ele, além da atenção e cuidado dedicados à orientação desta pesquisa.

E a pérola negra, professora Juliane Ribeiro, que de coração aberto somou-se a essa pesquisa para fazê-la brilhar de uma forma que só ela conseguiria.

Sempre fui sonhador, é isso que me mantém vivo. — Racionais MC's

MORAES, R. N. NADANDO CONTRA AS CORRENTES: UMA ANÁLISE DA AÇÃO CONTRA-HEGEMÔNICA DE UMA GEÓGRAFA DOCENTE NA ESCOLA PÚBLICA. 2023, 52 p. Trabalho de Graduação Individual - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

RESUMO

O presente Trabalho de Graduação Individual teve como objetivo principal entender quem é essa geógrafa docente que, entendendo a Educação como um projeto político de mundo, busca transformar a escola pública em um espaço de rebeldia, analisando como sua formação acadêmica e sua vida pessoal influenciou e influencia na sua atuação contra-hegemônica na escola pública. A busca para conhecer essa docente se deu através de uma entrevista, realizada com Juliane da Silva Ribeiro, professora da Escola Estadual Professora Marina Cintra na cidade de São Paulo. A análise da entrevista foi realizada a partir de um debate metodológico pensado em 4 dimensões: sua trajetória pessoal e profissional e a indissociabilidade entre pessoalidade e profissionalidade, com base nas contribuições de Goodson(2022) e Nóvoa(2009), além da sua atuação contra-hegemônica e da construção da escola em um lugar de pertencimento, aqui trazendo para a discussão também as contribuições de Paulo Freire e bell hooks. As conclusões revelam a importância de evocar a voz dos professores e analisar a vida pessoal nas pesquisas educacionais, e o quanto a consideração dos marcadores sociais da diferença nessas análises pode enriquecer a discussão.

Palavras-chave: vida docente, contra-hegemônica, lugar de pertencimento, escola pública

MORAES, R. N. SWIMMING AGAINST THE CURRENTS: AN ANALYSIS OF THE COUNTER-HEGEMONIC ACTION OF A GEOGRAPHY TEACHER AT A PUBLIC SCHOOL. 2023, 52 p. Individual Graduation Work - Faculty of Philosophy, Letters and Human Sciences of the University of São Paulo, São Paulo, 2023.

ABSTRACT

The main objective of this Individual Graduation Work was to understand who this teaching geographer is who, understanding Education as a political project for the world, seeks to transform public schools into a space of rebellion, analyzing how her academic training and her personal life influenced and influences its counter-hegemonic actions in public schools. The search to get to know this teacher took place through an interview, carried out with Juliane da Silva Ribeiro, teacher at the public school Professora Marina Cintra, in the city of São Paulo. The analysis of the interview was carried out based on a methodological debate considered in 4 dimensions: your personal and professional trajectory and the inseparability between personality and professionalism, based on the contributions of Goodson(2022) and Nóvoa(2009), in addition to your actions against -hegemonic and the construction of the school in a place of belonging, here also bringing to the discussion the contributions of Paulo Freire and bell hooks. The conclusions reveal the importance of evoking the voice of teachers and analyzing personal lives in educational research, and how considering social markers of difference in these analyzes can enrich the discussion.

Keywords: teaching life, counter-hegemony, place of belonging, public school

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
TRAJETÓRIA DA PESQUISA.....	11
MÉTODO.....	14
QUEM É JULIANE DA SILVA RIBEIRO?.....	16
INDISSOCIABILIDADE ENTRE PESSOALIDADE E PROFISSIONALIDADE.....	24
CONTRA-HEGEMONIA.....	28
A CONSTRUÇÃO DA ESCOLA PÚBLICA COMO UM LUGAR DE PERTENCIMENTO.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS.....	47
APÊNDICE.....	49

INTRODUÇÃO

A Escola que temos atualmente ainda é, hegemonicamente, um espaço possível de reprodução das desigualdades sociais, de modo que seria um equívoco pensar a Educação sem considerar o papel que o racismo desempenha nela, e o seu papel na reprodução do racismo. Ao mesmo tempo, seria ingênuo acreditar que essa mesma escola não possa ser um lugar de resistência frente, por exemplo, as políticas neoliberais recentes que reforçam a culpabilização do aluno pelo seu próprio fracasso escolar e a exclusão de alunos pretos e pobres das escolas públicas brasileiras, e que todos os professores reproduzem visões racistas e preconceituosas sobre os seus alunos sem levar em consideração, inclusive, que ignorar o universo cultural desse aluno pode fazê-lo se sentir afastado da escola.

Nesse sentido, temos de considerar que a formação acadêmica que cada professor recebe para exercer sua atividade influencia não só na sua atuação profissional como também na leitura que fazem sobre a função da escola e sobre o contexto em que ela está inserida. No caso específico da Geografia em que menos de 50% dos professores dos anos finais do Ensino Fundamental e Médio são efetivamente formados em licenciatura em Geografia (Giroto e Mormul, 2019), esse cenário é conflituoso. Além disso, destacamos nesta pesquisa o quanto a trajetória de vida pessoal desse professor, na maioria das vezes desconsideradas nas pesquisas educacionais sobre experiências docentes, também influencia fortemente em sua leitura sobre o cotidiano escolar.

Levando tudo isso em consideração, a intenção dessa pesquisa foi buscar entender quem é essa professora de Geografia realmente formada na área de atuação que, entendendo a Educação como um projeto político de mundo, busca transformar a escola pública em um espaço de rebeldia, isto é, de "não aceitação" das políticas que excluem alunos pretos e pobres das escolas e da naturalização das desigualdades sentidas por esses corpos. A principal questão da pesquisa buscou entender como a carreira da docente analisada foi construída e como sua formação acadêmica e sua vida pessoal influenciou/influencia nessa atuação contra-hegemônica na escola pública. Ao construir um espaço de subversão junto aos seus alunos, essa professora pode nos mostrar inclusive como a Geografia se realiza na prática cotidiana.

A busca para conhecer essa docente se deu através de uma entrevista, a fim de permitir que ela pudesse usar a sua própria voz para falar sobre suas trajetórias, além de possibilitar o entendimento de qual a leitura sobre a sua atuação no chão da escola pública depois de anos de experiência. Evidentemente, houve a necessidade de selecionar uma pessoa que já tivesse

uma atuação conhecida nesse sentido, então a seleção não se deu ao acaso. Convidamos Juliane da Silva Ribeiro, Bacharela e Licenciada em Geografia pela Universidade Estadual Paulista - UNESP, mestre em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo - USP e professora da rede estadual de ensino de São Paulo, que aceitou de prontidão somar-se a essa pesquisa e cedeu a entrevista que é o documento de análise deste trabalho.

A análise da entrevista realizada considerou 4 dimensões. A primeira diz respeito a sua trajetória pessoal e profissional. A segunda versará sobre a indissociabilidade entre pessoalidade e profissionalidade e em quais momentos da sua fala podemos encontrar essa relação tão interligada. A terceira é sobre a sua atuação contra-hegemônica na escola pública e sua percepção sobre ela. Na última, pensaremos na construção da escola como um lugar de pertencimento para ela e, conseqüentemente, para os seus alunos também.

TRAJETÓRIA DA PESQUISA

A presente pesquisa teve como ponto de partida as experiências obtidas ao cursar a licenciatura em Geografia. Entre as disciplinas cumpridas, não poderia deixar de destacar a forte influência que a disciplina *Psicologia da Educação: uma abordagem psicossocial do cotidiano escolar* teve sobre o olhar que tenho para a escola pública hoje. Isso porque foi a partir dela que tive contato com o livro *A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia*, da psicóloga brasileira Maria Helena Souza Patto, que literalmente me trouxe um choque de realidade ao me fazer questionar: como assim o fracasso escolar é algo produzido?.

Sendo uma disciplina com estágio curricular obrigatório, fiquei tão interessada em entender essa questão que resolvi fazer um projeto de estágio baseado nesse livro, em que busquei analisar possíveis mecanismos de produção do fracasso escolar na escola em que estagiei, isto é, características da unidade que poderiam retirar dos alunos o direito ao acesso e a permanência na escola, e até mesmo situações cotidianas que poderiam afastá-los de lá. Infelizmente, um estágio de 90h foi suficiente para entender que a naturalização desses mecanismos os deixavam quase que imperceptíveis para os que estavam na escola cotidianamente.

Assim, o que para mim era uma inquietação se transformou em muitas outras, como por exemplo se a unidade estava enxergando essas nuances do cotidiano escolar que eu estava enxergando, e sobre o que os professores de Geografia pensavam sobre esse assunto. Como conversei com vários professores nesse estágio, entendi um pouco da complexidade da escola por estar convivendo ali pessoas extremamente diferentes, com experiências de vida e concepções pedagógicas diferentes, e que por essas diferenças era impossível afirmar que a escola como um todo rompia ou reproduzia completamente as visões das classes dominantes, pois cada docente atuava da sua maneira.

Além disso, outras experiências de estágio acompanhando professores de Geografia (alguns formados na licenciatura em Geografia de fato e outros não), me trouxeram uma preocupação com a formação acadêmica de professores e um olhar diferenciado para a minha própria formação, até porque, como Patto muito bem afirmou:

Não se pode também responsabilizar os professores pelas mazelas da escola pública fundamental, uma vez que eles também são produtos de uma formação insuficiente, porta-vozes de visões de mundo da classe hegemônica e vítimas da desvalorização profissional e de uma política educacional burocrática, tecnicista e de fachada. A produção do fracasso escolar está assentada, em grande medida, na insuficiência de

verbas destinadas à educação escolar pública e na sua malversação (Patto, 2015, pág. 289).

Com isso, já havia entendido um pouco sobre o peso dessa lógica hegemônica que assombra a Educação, e então passei a querer conhecer onde estavam os geógrafos docentes que vão contra essa lógica e porque decidem ir contra ela, já que esses casos não são muito evidenciados. A fim de compreender como a formação acadêmica e a vida pessoal fornece os instrumentos para construir e pensar essa atuação que vai na contramão da maioria da atuação de outros professores, encontrei neste Trabalho de Graduação Individual a oportunidade de estudar sobre um caso como esse.

Antes de mais nada, acho importante destacar que, quando decidido o tema da pesquisa, a ideia inicial para o título era “Uma análise da ação contra-hegemônica de uma geógrafa docente na escola pública com base na sua formação acadêmica”. Depois de algumas discussões me atentei para o fato de que uma análise que considerasse somente a formação acadêmica de fato seria muito limitante, porque, como veremos mais adiante, muitas questões que influenciaram nas práticas pedagógicas da professora Juliane Ribeiro atualmente vão muito além do que foi aprendido no momento de sua graduação ou mestrado em Geografia.

O fato de ter enxergado a princípio somente esse aspecto acadêmico como fator passível de análise é um indicativo do quanto estamos acostumados a desconsiderar as experiências singulares dos professores ao longo de suas vidas como se elas não fossem válidas, ou pior, interessantes. Ao longo da história, não só não ouvimos as vozes dos nossos professores, tanto singulares quanto coletivas, como também ouvimos outras pessoas falarem por eles nas mídias hegemônicas como se vivessem o que eles vivem no chão das escolas públicas brasileiras.

Não acho que seja fácil entender a importância de dar voz aos professores quando vivemos em um cenário em que muito se fala sobre o quanto a escola pública é fracassada, com seus professores mal formados e seus alunos desinteressados, e na realidade pouco se entende sobre as condições efetivas das escolas públicas, as condições de trabalho dos professores e quais interesses atravessam seus cursos de formação, e menos ainda se fala sobre as condições efetivas de acesso e permanência dos alunos na escola. Não é à toa, portanto, que Ivor Goodson considera que ao realizarmos um estudo que situa o estudo dos professores e suas vozes no centro da ação da pesquisa estamos desenvolvendo uma ação contracultural, onde podemos demonstrar o quanto as experiências de vida e formação dos professores, atravessadas pelos marcadores sociais da diferença, são únicas, e como podemos,

a partir da análise dessas individualidades complexas, analisar as suas práticas cotidianas em sala de aula:

Muitos estudos desde a década de 1970 até a década de 1990 se concentraram nas próprias experiências dos professores enquanto alunos. Tais experiências iniciais são consideradas não somente tão importantes quanto os períodos de formação, mas, em muitos casos, muito mais importantes. (Goodson, 2022, p. 36).

Logo, não poderíamos comparar a trajetória de Juliane Ribeiro a nenhuma outra. As razões pela escolha da profissão docente, as lutas que trava, as facilidades, as dificuldades, as conquistas, tudo e toda experiência é muito particular e única. Dessa forma, essa pesquisa educacional qualitativa tem como ponto forte o destaque da importância da experiência individual de vida de Juliane Ribeiro enquanto uma mulher negra, e a legitimação da sua voz enquanto professora de Geografia em uma escola pública na rede estadual de ensino de São Paulo. Ao respeitar sua autobiografia, nos interessou saber como ela construiu/constrói sua carreira e que leitura faz sobre a sua própria trajetória nesse contexto, passando por um histórico de formação pessoal e profissional que não se inicia na graduação, mas na sua infância e na sua escolarização na educação básica.

Com a análise da atuação contra-hegemônica da professora, podemos evidenciar caminhos possíveis para futuros docentes em Geografia e encontrar pontos em que a sua experiência docente revela experiências coletivas que professores de Geografia enfrentam nas escolas públicas atualmente e, provavelmente, enfrentarão no futuro também, sendo, portanto, um momento importante para avaliarmos criticamente as nossas próprias formações acadêmicas.

MÉTODO

Como entendemos o cenário em que muitos professores de Geografia do Estado de São Paulo não são literalmente licenciados, e também por compreender que o fato de ser licenciado não implica necessariamente em uma ação contra-hegemônica na escola, foi decidido intencionalmente nomes de sujeitos que fossem essenciais para o desenvolvimento desta pesquisa. Um desses nomes foi justamente o da professora Juliane Ribeiro, que conheci quando a assisti em uma mesa de debates na Semana de Geografia da USP¹, no ano de 2022, cujo tema principal era *Corpo e Corporeidade no ensino de Geografia*, o debate era sobre o tema “O corpo na escola: discussões sobre raça, gênero e sexualidade no cotidiano escolar”. Além disso, a mesma também foi orientanda do professor Eduardo Giroto, em seu mestrado. Assim, a professora foi contatada em sua rede social, onde os objetivos da pesquisa foram esclarecidos e ela aceitou fazer parte da pesquisa.

Com isso, foi realizado um Estudo de caso, que é uma “categoria de pesquisa cujo objeto de estudo é uma unidade que se analisa profundamente” (Triviños, 2008, p. 133). E dos diferentes tipos de estudo de caso distinguidos por Bogdan e Biklen (1994), destacamos que este se trata do estudo de caso denominado História de Vida, em que a técnica utilizada na pesquisa aprofunda-se na história de vida do sujeito observado

As histórias de vida sociológicas são, frequentemente, uma tentativa para reconstruir a carreira dos indivíduos, enfatizando o papel das organizações, acontecimentos marcantes e outras pessoas com influências significativas comprovadas na moldagem das definições de si próprios e das suas perspectivas sobre a vida (Bogdan e Biklen, 1994, p. 93)

Nesse caso, a técnica utilizada foi uma entrevista semi-estruturada², com a aplicação de um questionário elaborado previamente com questões referentes à personalidade, que se tratava mais especificamente da infância da docente e sua relação com a família e com a escolarização na educação básica, e a profissionalidade, referente a visão sobre a escola, sobre os corpos nela presente, e sobre a vida cotidiana na escola considerando suas dificuldades ou facilidades. A entrevista ocorreu online no dia 29 de Novembro de 2023, e teve duração de 01h45min33s.

¹ Projeto de extensão que visa aproximar a escola pública da universidade pública, mostrando aos alunos oriundos da escola pública que o esse espaço universitário também pode, e deve, ser ocupado por eles.

² Entrevista com algumas questões previamente definidas, mas flexível, estando aberta ao surgimento de novas perguntas durante a comunicação.

Após as fases de elaboração e aplicação do questionário, foi realizado a organização do material coletado com a transcrição da entrevista, em seguida esse material foi explorado visando a correlação e organização das falas da entrevistada em pontos comuns e a conexão com as referências bibliográficas utilizadas. Como última fase foi realizada a análise dos resultados, com a interpretação do material coletado, levando em consideração os aspectos ditos e os não ditos (subentendidos) estabelecendo as significações que esses dados possuem para a pesquisa (Rudio, 2008).

Além de tudo isso, sabendo que a entrevista sendo utilizada como único instrumento tem suas limitações devido a questões que dependem de tempo disponível e da capacidade de recordar da pessoa entrevistada (Triviños, 2008), também foram utilizados outros documentos quando necessário, como a dissertação de mestrado da docente e as publicações nas redes sociais onde a mesma compartilha informações sobre a sua profissão.

Assim, partimos da obtenção de informações do que existe efetivamente, para com isso poder descrever e interpretar a realidade. Com isso, destacamos que todo esse processo da análise da entrevista evidencia uma relação que não pode ser desconsiderada que é a do pesquisador(a) com o seu objeto de estudo, isso porque a pesquisa qualitativa

envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo (Godoy, 1995, p. 58).

Logo, o pesquisador não fica de fora da realidade que estuda. Por isso, deve-se levar em consideração na leitura deste trabalho não só o que foi dito pela professora Juliane Ribeiro mas também, e talvez principalmente, que nele está contido a minha própria compreensão e análise pessoal dessas falas. Isso porque essa análise é marcada pelos meus traços culturais peculiares, e, conseqüentemente, a interpretação e a busca de significados da realidade investigada não pode fugir às minhas próprias concepções do homem e do mundo (Triviños, 2008).

QUEM É JULIANE DA SILVA RIBEIRO?

Juliane da Silva Ribeiro é uma mulher, negra, capricorniana e professora de Geografia da rede pública de ensino do Estado de São Paulo, de 34 anos, que desde cedo gosta de usar o nome Juliane Ribeiro por duas razões: primeiro porque quando era mais nova queria ser modelo e precisava usar o nome e o sobrenome, e segundo porque o sobrenome Ribeiro vem do seu pai José Moacir Ribeiro, que é o homem negro da família, algo que traz para ela um sentimento de afirmação e fortalecimento da sua negritude. E é assim, por Juliane Ribeiro, que todos a conhecem.

Juliane Ribeiro se considera uma pessoa comunicativa, delicada, doce, afetuosa, de poucos e bons amigos, apaixonada e muito comprometida com seus trabalhos, tranquila, caseira (apesar de ter seus momentos de hiperatividade e inquietação), organizada, diurna/solar, alegre e positiva (mesmo diante da negatividade de tanta gente). Muitas dessas características são realmente notáveis em uma conversa de poucas horas com ela. Ela também considera que tem dificuldades para ler e gosta muito de ouvir músicas, tendo, inclusive, uma coleção de discos de vinil. Ultimamente tem frequentado *rolês* de black music e seus estilos de música mais ouvidos têm sido R&B, Trap Nacional e Hip-Hop brasileiro.

Além de tudo isso, é uma pessoa que com sua maturidade tem aprendido cada vez mais a ser firme e segura quando necessário, e também tem trabalhado cada vez mais na sua habilidade e poder de escuta, algo que a escola pública exige dela e ao mesmo tempo fortalece, uma vez que os alunos querem muito ser ouvidos não só quanto ao que dizem sobre as aulas de Geografia, mas também sobre o que dizem sobre as suas próprias vidas. Essa é uma das razões pela qual está presente em diversos momentos, nas falas de Juliane, o quanto a escola pública é capaz de deixá-la consciente e, conseqüentemente, torná-la cada vez mais humana.

Apesar de morar e trabalhar em São Paulo atualmente, Juliane é natural de Presidente Prudente (SP), onde morava com seu pai, sua mãe Idenilda da Silva Ribeiro e sua irmã Daniella. Apesar de nunca lhe ter faltado nada e não ter problemas muito significativos com a sua família, já que sempre teve muito apoio e continua tendo mesmo distante, uma das razões para sua vinda para São Paulo foi a vontade que sempre teve de morar sozinha, pois gosta muito de desfrutar da sua individualidade e estar em paz com a sua própria companhia.

Ao mesmo tempo, Juliane contou na entrevista sobre o choque que tinha com o seu pai devido aos seus comportamentos conservadores e machistas que ela sempre retrucava, até porque, segundo sua mãe, ela era crítica igual a ele e não podia deixar nada passar. Disse que

passou um tempo considerável sem se comunicar com ele, mas que isso já melhorou bastante devido a uma aproximação através do estudo do inglês, em que eles trocavam seus conhecimentos. Sua relação com a sua mãe, por outro lado, sempre foi muito tranquila. A professora inclusive reconhece que foi dela a quem puxou sua energia, pois sempre lembra esse lado da mãe quando ri e sorri. Também conta que ela e sua irmã Daniella, de 38 anos, sempre foram muito habilidosas com esporte, pois cresceram numa casa em que o pai incentivava a fazer esporte já que foi atleta da meia maratona de São Silvestre. Por essa influência familiar, Juliane fez ginástica olímpica, jogou vôlei representando o time da cidade e essas habilidades tiveram grande reflexo no ensino fundamental e médio já que jogava representando a escola no interclasse.

Juliane Ribeiro cresceu no catolicismo, onde foi batizada e fez a primeira Eucaristia e Crisma. Inclusive quando vai para Presidente Prudente vai para a missa junto com a sua família, mas ressalta que para ser uma boa pessoa e ter intimidade com Deus ela não precisa estar literalmente na igreja. Sobre esse assunto, a professora comentou também que adora ler coisas sobre religiões de matriz africana porque tem amigas que são candomblecistas.

Quanto a sua escolarização na educação básica, Juliane disse ser filha da escola pública, onde estudou do pré até o ensino médio. Ela entrou na 1ª série no ano de 1994 com 6 anos, então sempre era a mais nova das turmas, e questionada sobre as possíveis memórias negativas que ela tenha desse período de escolarização na educação básica, a professora relatou memórias que são muito comuns a meninas negras quando passam pela escola:

Ô mundo do cão né, Rafaela? Pra mim a 1ª série foi terrível porque eu era muito magra e pequena e as crianças judiavam, pois me achavam frágil, as crianças me empurravam, davam socos, inventavam desculpas pra bater, e parecia que não tinha professor nem ninguém lá por você (Entrevista à pesquisadora, 2023).

Tendo sua experiência no fundamental I marcada pelo racismo e pela pressão estética que fazem sobre os corpos femininos desde pequenas, conta que foi um momento terrível de sua vida, uma experiência muito dura, ainda mais porque ela era muito chorona. De tanto apanhar, quando chegou na 2º e na 3º série também começou a bater e reagir, razão pela qual afirmou ter dado muito trabalho para sua mãe quando criança, e que era muito arteira. Juliane inclusive mencionou um texto que ela publicou em sua rede social em que escreveu sobre essas experiências, que pode ser lido na Imagem 1.

Figura 1 - Captura de tela da publicação de Juliane sobre sua experiência no Fund I.



Curto por ludmyllaprof e outras pessoas

julianesribeiro Eu sempre fui uma criança muito arteira, mas muito boazinha, muito mesmo, ingênuo demais. Lembro que na primeira série, a Andrea me deu um soco no estômago de graça, eu perdi o ar e fiquei pensando: Por que ela fez isso?

O sinal tinha batido e eu não conseguia me mover.

Sair do pré e ir para a escola parecia terra sem lei. Outra vez, no intervalo, levei um empurrão e caí, levantei, empurrei o menino e a inspetora levou a gente pra diretoria. Me justifiquei aos pratos e disse que só tentei me defender.

Lembro da ameaça que a Elisângela fez porque ela queria o saquinho que eu guardava a bucha de limpar a carteira. Rs

Lembro o dia que uma menina cuspiu no meu rosto e eu não tive ação...

Acho que as crianças olhavam pra mim e pensavam "vamos bater nessa menina com cara de idiota".

Eu acho que muita gente pensa assim ainda...

Continuo levando uns socos no estômago, uns empurrões, mas estou me levantando mais forte pra vida.

Estou aprendendo e vou continuar nessa busca para que possa me esquivar desses socos e tenha inteligência, sabedoria, amor para não deixar ninguém mais me empurrar.

Continuo me levantando e mais forte.

Feliz dia, crianças e Feliz dia Nossa Senhora Preta Aparecida! 🌟🌟

Fonte: Instagram (@julianesribeiro)

Nessas duras memórias, também se lembra de como a escola fazia questão de pontuar e destacar a beleza dos alunos e alunas brancas enquanto os demais eram sempre

invisibilizados nesse quesito, trazendo até uma lembrança da 3ª série onde ninguém queria dançar com ela na festa junina e da cena de ver 2 meninos negros que “sobraram” na sua frente e que ao mesmo tempo que não queriam dançar com ela também não tinham com quem dançar. Sem contar as listas de meninas e meninos mais bonitos da escola que tinham sempre pessoas brancas no topo.

Quanto às suas memórias positivas, a professora se referiu mais a quando estava no Ensino Médio, no período de 2003 a 2005, uma vez que foi onde não só começou a se sentir bonita como também as pessoas começaram a validar essa beleza, sendo também o momento da sua vida em que começou a fortalecer a sua negritude. Vindo de uma família interracial, ela afirma que não teve esse fortalecimento dentro de casa contando inclusive como demorou para soltar o cabelo porque a mãe tinha medo que ela sofresse preconceito (algo que sua mãe apesar de ter agido pela preocupação, pediu desculpas bem recentemente, tendo um olhar diferente do que teve naquele momento). Então Juliane começou a ter mais consciência durante o ensino médio quando conheceu e começou a ter mais contato com pessoas que já tinham um ativismo na questão racial.

Destacou como uma das memórias positivas quando ganhou das meninas do 3º ano no interclasse no vôlei quando ela estava no 2º ano, e outra quando sua professora de História e advogada chamada Maria do Carmo reconheceu o quanto ela era boa em ciências humanas e entendia seu potencial a ponto de chamá-la de *pérola negra* (algo que na época ela não entendia o que a professora queria dizer, mas hoje ela entende).

Como dito anteriormente, Juliane desde pequena sempre quis ser modelo, mas para isso tinha que ter no mínimo 1,72 e ela tem 1,69, além disso também não podia ter o quadril maior do que 90cm. No 2º ano sua professora de História a convidou para fazer parte de uma palestra com um coletivo negro da UNESP para falar sobre essa experiência e sobre um caso de racismo que ela observou na escola em que diz ter se revoltado ao ouvir um aluno dizer “tinha que ser preto” para outro. E foi nessa palestra que ela teve contato com a Universidade Estadual Paulista - UNESP, que mais tarde ingressaria.

Outra memória positiva da professora foi quando, no 3º ano, houve um concurso de beleza na escola e a escolheram para ser a representante da sala. O ano era 2005 e ela não só tinha o cabelo black power como também tinha uma camiseta escrito JuBlack. Ela conta que ganhou o concurso e como prêmio ganhou direito a dois meses de um curso pré-vestibular. Ao concluir o Ensino Médio, Juliane Ribeiro conta que saiu da escola sendo muito popular devido a sua habilidade nos esportes e seu destaque nas ciências humanas, logo, saiu conhecida por ser a jogadora, a *pérola negra* da professora de história, e também a miss do

concurso de beleza. Segundo a professora, se ela pudesse resumir a sua trajetória na educação básica em uma palavra, essa palavra seria *crescimento*, levando em consideração o quanto a escola a fez crescer, seja pelo amor ou pela dor.

Quanto ao prêmio conquistado no concurso de beleza, ela realmente fez o curso pré-vestibular que havia ganhado. Primeiramente, tentou vaga no curso de Educação Física, mas não conseguiu. Cabe ressaltar que naquele momento o acesso era mais difícil para quem era de escola pública e ainda não havia cotas para pessoas negras, o que dificultava ainda mais. Ela ficou então durante um ano estudando em casa com as apostilas que tinha ganhado nesse curso. Juliane sempre brincou de ser professora, mas antes disso, além da Educação Física, também já pensara em fazer Arquitetura, mas “desistiu” porque a relação candidato / vaga era muito alta e considerava uma disputa muito grande para alguém que vinha da escola pública, além de ser integral, o que impedia a possibilidade dela trabalhar para poder se sustentar.

Foi só depois dessas opções, então, que ela escolheu a Geografia, com base no fato de que gostava da disciplina na escola e sempre gostou de ciências humanas, a exemplo disso, seu boletim era marcado por notas acima de 7, pois sempre foi muito dedicada nos estudos. Como não era boa em Geografia somente dentro da escola, Juliane inclusive reconhece em que momento da sua vida nasceu a sua paixão por mapas: como seu pai tem uma microempresa de distribuição, seu primeiro trabalho foi como entregadora, então ela passava muito tempo buscando encontrar onde seriam os endereços de entrega, daí a razão pela qual até hoje ela consegue se localizar muito bem.

No ano de 2007, ingressou no curso de Geografia na UNESP e começou a trabalhar na Ellus como vendedora, e conta que, como fazia convenção para a empresa com bate e volta para São Paulo, sempre teve vontade de se mudar para São Paulo. Entregou currículo na Oscar Freire e foi trabalhar no shopping durante dois anos na Animalia. Segundo Juliane, trabalhar num shopping elitizado em Higienópolis a preparou para entender o que era São Paulo: uma selva em que as pessoas não estão preocupadas umas com as outras e não se preocupam em passar por cima de ninguém. Viu que nesse momento as contradições da desigualdade se materializavam ali e tinha uma expressividade muito maior do que ela acreditava quando morava em Presidente Prudente.

Contou como a sua experiência na faculdade no primeiro ano foi muito difícil diante do fato de que veio da escola pública então era complicado entender o que os professores falavam, como se todos os alunos já soubessem de muitas coisas e isso a fez pensar em desistir. Seu pensamento e vontade de desistir só mudou quando realizou 2 trabalhos de

campo no segundo ano do curso em que precisou viajar, pois nesse momento enxergou o quanto a Geografia estava oferecendo uma oportunidade interessante, e poderia oferecer muitas outras, então passou a se dedicar mais ao curso. No 4º ano foi trabalhar no Museu de Antropologia, Arqueologia e Paleontologia e foi se dedicando a sua monografia e se conectando com o grupo de pesquisa do Laboratório de Geografia da Saúde.

Como estava precisando de dinheiro, pensou em começar a trabalhar na sua área e prestou o concurso simplificado de docentes para ser professora eventual, e foi aprovada. Com isso, contou que foi entregar currículo e se apresentar em uma escola e começou a trabalhar no mesmo dia, no mês de outubro de 2010, e como a escola estava sem professor ela foi praticamente jogada em uma sala de 8º ano com 3 deficientes auditivos. Durante a entrevista foi perguntado se essa havia sido a primeira experiência na escola enquanto professora e ela afirmou que sim, tirando o estágio que ela fez durante a graduação, pois tinha uma sensação de que para cumprir o estágio era necessário somente aparecer na escola pra dizer que fez alguma coisa. E complementou dizendo que só hoje ela reconhece o valor e a importância do estágio.

Formou-se então em Geografia na Universidade Estadual Paulista (UNESP) no campus de sua cidade natal, terminando a licenciatura em 2010 e o bacharelado em 2011, e 1 ano depois se mudou para o bairro Bela Vista, na cidade de São Paulo, porque, segundo ela, Presidente Prudente era muito pequeno para Juliane Ribeiro. Quando chegou em 2012, dividiu apartamento na 14 Bis e na 13 de Maio, e morou durante 8 anos com amigos que despertaram nela um processo criativo, já que conheceu pessoas que eram envolvidas com arte e cultura popular, contação de histórias, fotografia e afins.

Por gostar tanto de estar em paz com a sua própria companhia e de organização, ressalta que quando foi morar com outras pessoas, antes de morar sozinha, preferia pagar mais caro para poder ter o seu próprio quarto. Desses 12 anos que está em São Paulo, segue morando no bairro Bela Vista, mas se mudou na pandemia e mora há 3 anos junto apenas da sua cachorra adotada chamada Alegria, podendo desfrutar da sua individualidade junto a ela.

Antes de iniciar o mestrado, a professora conta que começou a ter contato com a Universidade de São Paulo quando fez um curso de 6 meses de aperfeiçoamento para professores de Geografia, e por consequência desse contato a escola Marina Cintra começou a receber muitos estagiários vindos da USP, também conta que conheceu Amanda Benedetti (aluna na USP) e começou a fortalecer mais ainda esse contato. Juliane iniciou o seu mestrado em março de 2019, onde conta que mesmo depois de ter passado pela graduação não tinha referencial teórico para trabalhar algumas questões em sala de aula. No ano de 2022, defendeu

a sua dissertação de mestrado intitulada O CHÃO DA ESCOLA E SUAS POSSIBILIDADES: a disputa do currículo e a construção de uma Geografia Negra.

Em diversos momentos da entrevista Juliane vai se referir a construção dessa Geografia Negra no chão da escola, assim, cabe ressaltar que para ela essa Geografia Negra representa um movimento de representação de pessoas negras em lugares positivos para reafirmação que também somos intelectuais, belos, inteligentes, capazes, criativos e enfim, várias outras características que comumente não são ditas na sociedade em geral. Nesse sentido, é levar para a sala de aula não só as obras de artistas e escritores negros, mas também as suas fotografias, é encontrar formas de fazê-los presente através do ensino de Geografia, revertendo silenciamentos e apagamentos de presença física e epistemológica (Ribeiro, 2022).

A esse movimento de descolonização do currículo, Juliane agradece aos seus antecessores que contribuíram para que hoje ela tivesse esse olhar mais maduro. Em seu mestrado, destaca o quanto as obras *O Espaço do Cidadão* e *Cidadanias Mutiladas* de Milton Santos é carregada de Geografia Negra ao questionar, também com suas próprias experiências, se os negros são cidadão neste país. Além de outros autores que também foram importantes para fundamentar essa trajetória como por exemplo Renato Emerson, com as relações que fez da lei 10.639 e o ensino de Geografia, Geny Ferreira Guimarães ao evidenciar as variadas possibilidades de leituras de mundo e de ensino de Geografia devido a sua interdisciplinaridade com outras áreas do conhecimento (em especial a literatura), e Amanda Benedetti com as suas discussões contra o epistemicídio e genocídio preto na Geografia da Universidade de São Paulo (Ribeiro, 2022).

Juliane trabalha há 9 anos na Escola Estadual Professora Marina Cintra, localizada na Rua da Consolação (Consolação-SP), onde constrói essa Geografia Negra, atualmente com o fundamental II, com alunos dos 8º e 9º anos e uma carga horária de 40h semanais. Mas também já trabalhou com EJA e ensino médio quando precisou completar carga horária. Disse que gosta de trabalhar com os mais velhos, e que gostaria de trabalhar com o Ensino Médio, mas na escola que está atualmente atende apenas Fundamental I e II. A professora conta que foi aprovada no concurso da prefeitura e ia acumular cargo, por questões financeiras, mas não fez a aferição para as cotas e foi eliminada.

Quanto às suas perspectivas profissionais Juliane diz estar animada para o ano que vem e que pretende voltar a ser mais ativa na escola como era em 2019 e 2022, não só porque isso a revigora como também porque tem uma expectativa de que as turmas de 9º anos também vão ser turmas mais animadas do que as atuais. Além disso, em 2024 terá um novo cargo: Professora Orientadora de Convivência - POC, e espera que esse trabalho de diálogo

que vai ser estabelecido possa ajudar a melhorar as relações na escola, algo que vai ser trabalhoso, mas que é necessário porque os alunos estão bem violentos uns com os outros, e ela está confiante que vai ser algo bom.

Durante a entrevista, a professora também desabafou sobre como queria muito ser bem remunerada, porque tem muito trabalho que vai além do que é feito apenas em sala de aula. Questionada se trabalhar em escola pública foi uma preferência pessoal, a professora respondeu que nunca trabalhou em escola particular, mas que esse ano tentou vaga em uma porque precisava ganhar bem para se manter em São Paulo, disse então que a escola pública a humilha nesse sentido e isso foi um motivo de grande chateação neste ano, pois apesar de amar a escola pública com a liberdade e a facilidade de estar perto da sua casa, também quer ter uma vida mais confortável financeiramente. Nesse cenário, a professora está na expectativa de conseguir uma bolsa de Doutorado no ano que vem, algo que possa deixá-la mais tranquila financeiramente para viver de forma confortável em São Paulo e continuar fazendo o que ela quer fazer que é estar na escola pública.

INDISSOCIABILIDADE ENTRE PESSOALIDADE E PROFISSIONALIDADE

Até aqui imagino estar mais evidente o quanto perderíamos se essa análise considerasse apenas a dimensão acadêmica sem considerar a vida pessoal da professora Juliane Ribeiro, seus gostos, vontades, escolhas, gênero, raça, classe e até mesmo personalidade. Isso porque cada formação é muito subjetiva e possui, acima de tudo, uma íntima ligação com a individualidade do docente, já que cada um possui uma forma particular de adquirir conhecimento e desenvolve o seu estilo próprio de transferir esse conhecimento com base nas suas experiências pessoais e profissionais

Trata-se de construir um conhecimento pessoal (um auto-conhecimento) no interior do conhecimento profissional e de captar o sentido de uma profissão que não cabe apenas numa matriz técnica ou científica. Toca-se aqui em qualquer coisa de indefinível, mas que está no cerne da identidade profissional docente (Nóvoa, 2009, p. 22)

Experiências profissionais que se justifica pelo fato de que cada escola está inserida em um contexto específico, de modo que os cursos de formação de professores não conseguiriam trabalhar especificamente essas relações contextuais, então cabe a experiência docente para saber de que maneira transferir esse conhecimento de forma efetiva, já que o professor não pode simplesmente reproduzir os conteúdos científicos vistos nos programas de formação de forma direta (Nóvoa, 2009). Até porque a construção da Geografia Negra por parte da professora Juliane Ribeiro vai muito além do que foi aprendido durante sua graduação marcada por epistemicídio.

E experiências pessoais porque é a partir da sua autobiografia que conseguimos entender como as experiências vivenciadas na sua infância, adolescência e também na vida adulta revelam o porquê da sua preocupação em tornar a escola um espaço menos doloroso de ser vivenciado em especial por pessoas negras. Juliane Ribeiro carrega consigo memórias tão marcantes e dolorosas que por mais que anos tenham se passado ela não conseguiu falar sobre esse assunto sem que algumas lágrimas escorressem pelo seu rosto:

Quando eu fui pesquisar a Geografia Negra a Maria Elisa perguntou pra mim se eu estava preparada, eu falei pra ela que eu estava preparada e no fundo eu não estava, porque era esse lugar de revisitar isso que eu to revisitando agora e que vem num lugar que para meninas negras dentro da escola não é fácil (Entrevista à pesquisadora, 2023).

Logo, são essas questões que nos levam a entender o porquê da busca por representações positivas de pessoas negras e reafirmação de suas belezas, assim como o

conhecimento da sua ancestralidade em sala de aula é algo tão importante. Fica nítido como a invisibilização das belezas das pessoas negras experienciada durante sua escolarização na educação básica e uma graduação que pouco considerasse o aspecto de gênero e raça em suas abordagens é uma motivação para fazer o contrário. E isso não poderia ser feito de outra forma que não expressando características pessoais da professora como seu gosto pela música (rap em especial) e pela arte, por exemplo.

Segundo a professora, a construção da sua Geografia Negra começou na graduação, quando precisou montar uma aula e a fez utilizando fotografias e letras de *RAP* para poder discutir problemas urbanos. Além disso, tem frequentado rolês de *black music* e seus estilos de música mais ouvidos tem sido *R&B*, Trap Nacional e Hip-Hop brasileiro, mais uma coisa que tem ajudado muito na construção da sua Geografia Negra. E cabe ressaltar o quanto ter conhecido pessoas envolvidas com arte e cultura popular, contação de histórias, fotografia e afins quando veio morar em São Paulo fortaleceu ainda mais essa conexão com a arte, a ponto de buscar maneiras de ensinar Geografia através dela.

A exemplo disso, destacamos a Semana da Consciência Negra, que teve a sua 9ª edição realizada em Novembro deste ano. Aproveitando do forte potencial de divulgação que as redes sociais possuem, Juliane anunciou essa atividade com as seguintes palavras:

[...] O ANO INTEIRO EU DENUNCIO as estruturas racistas desse país através da construção de uma Geografia Negra e A SEMANA É O ANÚNCIO. É olhar pra gente e ver os passos alcançados, evoluções, prosperidade, beleza, intelectualidade, criatividade e tantas outras coisas que estão aqui com a gente, povo preto. É tempo de ANÚNCIO E A ESCOLA É NOSSO PONTO DE PARTIDA! (Ribeiro, 2023).

Realizado nos dias 21, 22, 23 e 24, a professora contou com a presença de Badu Silva³, DJ Nyack⁴, Regina Ferreira⁵ e Zudizilla⁶, todas pessoas pretas. Na Figura 2, podemos ver Juliane e seus convidados nessa mesma ordem citada, além da exposição fixa de arte ao fundo.

³ Artista vegana que utiliza das redes sociais para compartilhar receitas veganas e frugívoras acessíveis, além de artes visuais, artesanato, graffiti e afins.

⁴ Artista, DJ brasileiro de *RAP* e *R&B*.

⁵ Modelo e CEO da Hutucasting, uma agência de *casting* exclusivamente negro.

⁶ MC, *Designer* e artista plástico.

Figura 2 - Juliane Ribeiro e seus convidados na 9ª edição da Semana da Consciência Negra, na Escola Estadual Professora Marina Cintra.



Fonte: Juliane Ribeiro, 2023.

Assim vemos quão conectadas estão as atividades que realiza fora da escola e como isso tem reflexo na sua atuação dentro dela, como os eventos de música que frequenta e seu gosto musical lhe fornece instrumentos e insights para construir a sua Geografia Negra em sala de aula. Mas até mesmo nos atos mais simples essa indissociação aparece de forma muito clara, como por exemplo se considerarmos o fato de que Juliane adotou a Alegria e por isso está sempre motivando seus alunos a adoção assim como ela fez. O fato de ser uma pessoa muito habilidosa nos esportes e ter representado a escola nos interclasses também revela o

quanto pode se conectar com os alunos no seu cotidiano também nesse aspecto. E o quanto a necessidade de aprender a ser firme na sua vida reflete na sua sensação de responsabilidade de aprender a escutar cada vez mais, pois sabe da diferença que isso faz na vida dos alunos e na sua vida também.

Não há como desconsiderar também o fato de que Juliane Ribeiro é uma pessoa positiva e alegre, pois isso certamente é uma das características que a faz mantê-la esperançosa e com boas expectativas em relação a conquistas futuras no chão da escola. Apesar de ter lidado com turmas difíceis esse ano, a professora não deixa de estar animada para o ano que vem e com a expectativa de que vai voltar a ser mais ativa como era em 2019 e 2022, porque isso a revigora.

Vale ressaltar que não são todas as pessoas que consideram ser impossível separar a pessoa do professor e o professor da pessoa, como estamos considerando aqui, mas esse não é o caso da professora Juliane Ribeiro, pois quando foi questionada sobre como se sentiu durante a entrevista ela respondeu da seguinte forma:

Acho muito louco quando a gente pensa as pessoas e suas profissões a partir de tudo que atravessa elas, então é muito legal esse lugar de perguntar sobre a minha casa, sobre como foi na minha escola, porque hoje as lutas que eu travo tem a ver com quem eu sou, não dá pra gente desconsiderar isso. Essa disputa que existe dentro da escola tem a ver com quem eu sou. Muito legal quando a gente tem dimensão que precisa passar por esse caminho. Apesar de revisitar coisas que me machucaram, é legal reconhecer esse profissional em todas as suas camadas. A Juliane vai pro rolê de rap e usa letras de rap nas suas aulas, é importante reconhecer o quanto isso está conectado. (Entrevista à pesquisadora, 2023)

Tudo isso nos leva a entender a importância de observar a atuação da docente na escola a partir de uma análise que considera esse contexto histórico e geográfico a que ela está inserida, isso porque “o meio, com suas características físicas e sociais, imprime aos sujeitos traços peculiares que são desvendados à luz do entendimento dos significados que ele estabelece” (Triviños, 2008, pg. 122).

Logo, encaramos a sua formação docente em um processo permanente, sempre em construção, e que não se delimita apenas aos momentos em que estava vinculada às universidades que frequentou (e frequenta), pois há uma relação existente entre os seus comportamentos no contexto escolar com as suas crenças, valores e motivações pessoais, aspectos que são continuamente desenvolvidos em todo o período de sua vida.

CONTRA-HEGEMONIA

Não há como falar da escola pública que temos atualmente sem considerar o seu processo histórico de formação. A escola, enquanto instituição, foi um instrumento indispensável para a disseminação de valores patrióticos e imposição de um idioma hegemônico, além da consolidação do ideário de Estado nacional pela transmissão da ideologia burguesa a partir do século XIX, função em que o livro didático teve um papel muito influente. Aqui, concebendo *ideologia* a partir de uma perspectiva marxista em que ela significa "[...] processo pelo qual as ideias da classe dominante tornam-se ideias de todas as classes sociais"(Chauí, 2008, pág. 85) sendo portanto capaz de deformar a própria realidade social dos indivíduos, entendemos o quão difícil é para uma unidade escolar se desprender da reprodução das desigualdades sociais em seu interior já que precisa lutar constantemente contra essa lógica hegemônica que é, de fato, dominante.

Em *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo* (2003), Tomaz Tadeu da Silva fala sobre a relação entre poder e currículo, pontuando que o fato de privilegiar e selecionar um conhecimento específico por si só já é uma operação de poder. Por isso, o currículo deve ser entendido como algo que expressa essa relação por meio de ideologias, valores e diferentes concepções a respeito da Educação. Não é à toa, portanto, que Michael Apple (2006) destaca ser a partir da conexão entre poder econômico e político que entendemos o porquê existem as pressões não só sobre quais conhecimentos devem ser legitimados nos currículos e disponibilizado aos alunos como também sobre quais não devem ser disponibilizados.

Diferentemente da escola que Maria Helena Souza Patto (2015) analisou na década de 80, os dados de evasão e repetência, considerados nos estudos sobre a produção do fracasso escolar, não se concentram mais nos anos iniciais do ensino fundamental, mas nos anos finais da educação básica, ainda que os maiores atingidos continuem sendo os alunos pretos e pobres das escolas públicas. Não suficiente, ainda que vários outros pontos de vista foram somados nas últimas pesquisas, muitas respostas dadas para essa questão continuam seguindo uma linha de responsabilização de alunos, suas famílias, e também das escolas. No entanto, o estranho seria se tivéssemos alcançado um resultado diferente do que temos atualmente considerando que as políticas educacionais recentes continuam fomentando esse caminho de culpabilização de alunos e escolas como responsáveis pelos dados escolares, sob ocultação da

realidade social do país, como por exemplo IDEB⁷, mas também outras políticas que aqui serão apresentadas.

Laval (2004), ao escrever sobre o ataque neoliberal ao ensino público nos conta que a educação à serviço do mundo econômico, segundo as lógicas de produtividade e rentabilidade do mundo industrial, toma como naturais as finalidades de formar os trabalhadores e consumidores do futuro que lhe são atribuídas, mas que essas lógicas não são neutras, embora carregadas de uma aparente neutralidade. O desenvolvimento de competências, relacionada a um saber prático que permita ao aluno possuir características como criatividade, iniciativa, aptidão para a resolução de problemas, flexibilidade, capacidade de adaptação e etc., ou seja, características ideais para se integrar em uma empresa, é uma das estratégias de individualização e culpabilização do indivíduo nas novas políticas (à medida que o responsabiliza pela sua própria empregabilidade). O pesquisador francês também discute o quanto essa submissão à lógica empresarial comporta um sério risco de desintelectualização e de desformalização do processo de aprendizagem, tendo como consequência a constituição de novas identidades profissionais, em que professores, por exemplo, se tornarão apenas mediadores que acompanham o estudante responsável pela sua própria formação.

No Brasil, sabemos que após o golpe de 2016 contra a presidenta Dilma Rousseff, cada vez mais os empresários, por meio de fundações, ONGs e instituições filantrópicas, e agentes internos e externos vem se destacando na formulação de políticas públicas educacionais, como por exemplo a BNCC - 2017, em que seu caráter neoliberal coloca o conhecimento a ser desenvolvido nas escolas a serviço do mercado, impactando diretamente nos cursos de formação de professores e na produção de livros didáticos, sendo algo muito problemático devido ao fato de que, para muitos alunos, esse é o único material disponível ao qual possuem acesso (Vitiello e Cacete, 2021).

Outra política educacional preocupante é o Programa de Ensino Integral - PEI no Estado de São Paulo, porque a partir do momento em que a ampliação desse programa influencia na diminuição da oferta de ensino noturno ele consequentemente exclui os alunos pretos e pobres que precisam trabalhar para ajudar na renda familiar. Por isso, esse Programa também se apresenta como um forte mecanismo de produção do fracasso escolar nas escolas públicas brasileiras, como provou o estudo da Rede Escola Pública e Universidade - REPU (2021). Portanto, quando falamos que a escola é ainda hoje, hegemonicamente, um espaço de

⁷ Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, criado em 2007 pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), formulado para medir a qualidade do aprendizado nacional e estabelecer metas para a melhoria do ensino, por meio de testes padronizados e metas descontextualizadas dos contextos das escolas públicas.

reprodução de desigualdades sociais, é também por conta dessas políticas neoliberais que desconsideram as condições efetivas dos estudantes e das escolas públicas e a geografia do território em que estão inseridos, acabando não só por dificultar o acesso e permanência dos alunos não brancos como também por privilegiar os alunos com as melhores condições socioeconômicas.

Mas como fica o professor diante desse cenário em que ele e seus alunos são vistos como meros números e não como sujeitos? Com todos esses ataques, é possível construir um espaço de subversão junto a esses alunos que vão além dos conhecimentos legitimados nos currículos, valorizando o conhecimento desses estudantes e mostrando a realidade tal como ela é? A resposta é sim. Como Patto já nos alertou, há também uma resistência possível dentro das unidades escolares, pois a escola é um ambiente de produção cultural:

Palco simultâneo da subordinação e da insubordinação, da voz silenciada pelas mensagens ideológicas e da voz consciente das arbitrariedades e injustiças, lugar de antagonismo, enfim, a escola existe como lugar de contradições, que longe de serem disfunções indesejáveis das relações humanas numa sociedade patrimonialista, são a matéria-prima da transformação possível do estado de coisas vigente (Patto, 2015, p. 423).

Em diferentes momentos da entrevista com a professora Juliane Ribeiro podemos encontrar pontos em que sua atuação contra-hegemônica é revelada, e a primeira que podemos destacar é justamente o seu reconhecimento da escola como esse espaço de luta constante:

Eu sempre pensei a escola como lugar muito potente, eu sempre imaginei a sala de aula como um espaço de muito poder. E realmente, é de tanto poder que a gente disputa ali narrativas, disputa currículo, né? Então como eu acho que é um lugar muito poderoso, e como eu acho que a gente pode transformar muita coisa através daquilo ali, eu sinto que é mega importante estar ali, sabe? (Entrevista à pesquisadora, 2023).

É de tanto reconhecer tamanha importância do seu papel enquanto professora que Juliane se inscreveu para concorrer a um prêmio chamado *Potências Negras*, questionando o porquê para ser uma potência negra precisa ser um artista famoso, afirmando que se dispõe a recomendar também outros professores pretos para concorrer, já que esses também são potências políticas e merecem destaque.

Com isso, entendemos que o ataque neoliberal ao ensino público não extingue as possibilidades de resistência dentro das salas de aula. Mas isso não significa que essa resistência seja fácil. Pelo contrário, tanto Paulo Freire ao falar sobre uma educação

libertadora quanto bell hooks sobre uma educação transformadora em oposição à essa educação bancária em que os alunos são meros consumidores passivos, abordam o quanto o professor precisa questionar e mudar as suas práticas constantemente para se desprender dessa visão hegemônica que muitas vezes pode estar passando despercebida.

De acordo com Freire (1986), para que essa educação libertadora seja posta em prática o professor precisa aprender a ler a realidade e ir questionando e mudando suas práticas, entendendo que os alunos além de serem capazes de lerem o mundo, também já possuem muitas leituras sobre ele. Além disso, também é indispensável que se crie uma relação de comunidade em sala de aula em que todos sintam vontade de colaborar e todas as vozes sejam respeitadas, validadas e reconhecidas, e para que isso se efetive o ambiente construído deve ser seguro para os alunos se sentirem realmente confortáveis para falarem o que acreditam.

Ao mesmo tempo, bell hooks alerta que devemos reconhecer que esse mesmo espaço seguro e confortável para os alunos pode não ser, e geralmente não é, confortável para o professor, já que ao questionar o status quo o mesmo está nadando contra a corrente, correndo o risco portanto de ser punido pelos que estão no poder, e não só isso, também está sujeito a receber críticas que partem dos próprios alunos nesse processo, diante da possibilidade de confrontação e até de conflito de ideias, o que faz com que muitos professores optem por evitar essa situação:

A falta de disposição de abordar o ensino a partir de um ponto de vista que inclua uma consciência de raça, do sexo, e da classe social tem suas raízes, muitas vezes, no medo de que a sala de aula se torne incontrolável, que as emoções e paixões não sejam mais represadas (hooks, 2013, p. 55).

Em relação a esse aspecto, quando a professora Juliane foi questionada sobre sua maior dificuldade enquanto professora de Geografia, ela respondeu não ter nenhuma dificuldade com o ensino de Geografia em si, mas que é difícil trabalhar com questões que poderiam ser melhor desenvolvidas se fossem elaboradas de forma interdisciplinar, porque na escola há uma grande dificuldade de ter um envolvimento dos outros professores nesse tipo de atividade. Segundo ela, falta mais esforço e ânimo dos demais professores para que se possa trabalhar coletivamente visando uma melhor apropriação dos conteúdos pelos estudantes. Com esse relato, notamos a consciência que Juliane tem de que esse projeto contra-hegemônico só pode ser mais efetivo a partir do envolvimento de toda a comunidade escolar, e que o construir não é uma tarefa fácil, pois exige muita vontade, comprometimento e responsabilidade.

Com isso, entendemos também que quando falamos em contra-hegemonia e em uma educação transformadora esbarramos num ponto importantíssimo que é a formação de professores. Antes mesmo da criação de espaço de confrontação construtiva e questionamento crítico dentro da escola básica, deveríamos também estar preocupados com a criação desses espaços durante a formação de professores, onde os docentes tenham a oportunidade de expressar livre e coletivamente seus medos e ao mesmo tempo aprender a criar estratégias para abordar o currículo multicultural e multiétnico em sala de aula e se desprender de preconceitos tão enraizados na nossa sociedade (hooks, 2013).

Logo, devemos encarar essas políticas educacionais neoliberais como instrumentos que, por desconsiderar a realidade dos alunos, professores, das escolas públicas e de tudo que efetivamente a constrói, tendem a continuar perpetuando desigualdades sociais a partir do esvaziamento do ensino como medida estratégica de desintelectualização, da exclusão dos alunos pretos e pobres do seu interior e da precarização da carreira docente. A professora destaca que sua maior dificuldade enquanto professora de escola pública é a falta de um plano de carreira, a desvalorização e a precarização.

Cabe dizer que, sabendo que vivemos em uma sociedade conservadora e que isso, muitas vezes, é refletido na escola, no momento em que essa pergunta foi feita a expectativa era de que a professora comentasse sobre casos em que houve uma certa resistência por parte de pais, professores ou gestores de que Juliane trabalhasse alguns conteúdos em sala de aula, algo que foi negado pela professora. Na realidade, Juliane só se lembrou de um caso em específico que ocorreu em 2016 onde uma mãe ameaçou denunciá-la porque ela falou sobre aborto em sala de aula.

A professora explica que o fato da sua atuação sofrer menos resistência do que eu achei que sofria se justifica porque ela já está trabalhando nessa mesma unidade escolar há 9 anos, então as famílias já a conhecem não só porque os alunos falam sobre ela, como também porque já deu aula para os irmãos dos atuais alunos que passaram por lá, além de desenvolver um projeto na escola em que tem contato com os alunos desde os 4º anos, e do fato de que ela mora no mesmo bairro dos estudantes, conseguindo ter uma maior facilidade para trabalhar com eles.

Juliane contou sobre como gosta muito de morar no Bixiga e pretende comprar um apartamento lá, e sobre o quanto morar nesse bairro a faz trabalhar e pensar em aulas sobre a geografia do samba e sobre o território do Bixiga e a especulação imobiliária nesse território, dizendo ser impossível ignorar toda sua história diante da construção do metrô e do fato de que os seus atuais e ex alunos participam da escola de samba, então essas particularidades

precisam ser reconhecidas na escola. Na lógica hegemônica, no entanto, essas particularidades do território em que está inserida a Escola Estadual Profa. Marina Cintra e as especificidades dos corpos presentes nela não são consideradas e reconhecidas. Logo, esse reconhecimento por parte da professora se configura como mais um indicativo da sua atuação contra-hegemônica.

Justamente por reconhecer essas particularidades é que quando foi questionada em outro momento da entrevista sobre o que explica para ela os casos de evasão, repetência e notas baixas dos alunos, a expectativa era que a professora não justificasse esses casos com base em uma explicação racista, elitista e/ou eurocêntrica, culpabilizando os alunos individualmente ou às suas famílias como muitos professores fazem até hoje nas escolas públicas, e essa expectativa se confirmou na prática:

Isso é sempre mais latente para meninos pardos e meninos pretos, tenho um aluno que estuda longe da escola porque a família optou por uma escola melhor do que a escola que era mais próxima, e pra isso esse aluno tem que acordar muito cedo pra fazer o percurso até a escola, e teve um dia que ele chegou atrasado e já tinha 3 faltas de atraso e não pode entrar na escola. Como não desistir da escola frente a essas circunstâncias? [...] Tinha um outro aluno que tinha muitos conflitos com a diretoria porque trabalhava até tarde e só chegava na escola atrasado, e ouvia várias reclamações também dos professores, esse mesmo menino uma vez saiu de viatura da escola porque uma professora chamou a polícia pra ele. Como não desistir da escola enfrentando todas essas humilhações, desrespeitos e violências? [...] A escola precisa pensar da onde os alunos vêm, porque as chances máximas de chegar atrasado é a mesma para os alunos que moram longe e para os que moram do lado da escola? Por que a escola não olha diferente para esses corpos? (Entrevista à pesquisadora, 2023).

Nessa afirmação, Juliane expressa a sua preocupação com o fato da escola não ter preparo para ouvir os alunos e buscar entender as realidades que são distintas, mas que, independente do preparo, a responsabilidade segue de pé e a escola, como um todo, precisa estar comprometida em ser mais acolhedora, interessante e acessível, já que as motivações para os alunos não quererem estar presente ou não conseguirem chegar nos limites estabelecidos dependem de razões que não se limitam aos muros da escola.

Além disso, Juliane também cita como outra justificativa as políticas educacionais que fomentam os casos de evasão escolar, como exemplo da resolução publicada pela Secretaria da Educação da gestão de Tarcísio de Freitas que permite excluir do sistema alunos da rede estadual de ensino de São Paulo que faltarem aulas por 15 dias consecutivos, colocando o professor contra o aluno, à medida que também atrela o pagamento de bônus aos professores a inclusão de frequência do aluno, de forma que a evasão escolar implique na definição dos valores repassados aos docentes.

Entender o contexto da escola e a realidade dos alunos exige, além da observação e escuta, muito estudo e tempo de experiência. Em *Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade*, bell hooks nos conta sobre o quão despreparada estava quando entrou pela primeira vez em uma sala multicultural e multiétnica, demonstrando a partir do seu próprio exemplo o quanto os educadores estão mal preparados quando confrontam a diversidade. Não sendo uma experiência atípica, Juliane Ribeiro também contou que na sua primeira experiência profissional em uma sala de aula teve que ficar responsável por uma sala com três deficientes auditivos, e como não aprendeu Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), consequentemente não soube lidar.

Como entendemos que essa atuação contra-hegemônica pode ser mais ou menos intensa a depender não só da história de vida como também da formação do professor, Juliane foi questionada se sentiu falta de ter debatido algo durante a sua formação acadêmica e, além de ter destacado que gostaria de ter aprendido LIBRAS e ainda quer, também falou sobre o quanto a sua formação até discutiu um pouco sobre questões de classe, mas foi muito pobre em relação à discussão sobre gênero e raça, num cenário em que segundo ela pouco se pensava inclusive sobre o quanto a Geografia contribuiu para manter essas hierarquias. Trazendo outro caso específico, Juliane também disse não se lembrar inclusive de uma Climatologia que considerasse o fato de que as pessoas negras são as que mais sofrem diante de questões climáticas, por exemplo. Ao mesmo tempo, pontua novamente que a construção da sua Geografia Negra começou na graduação.

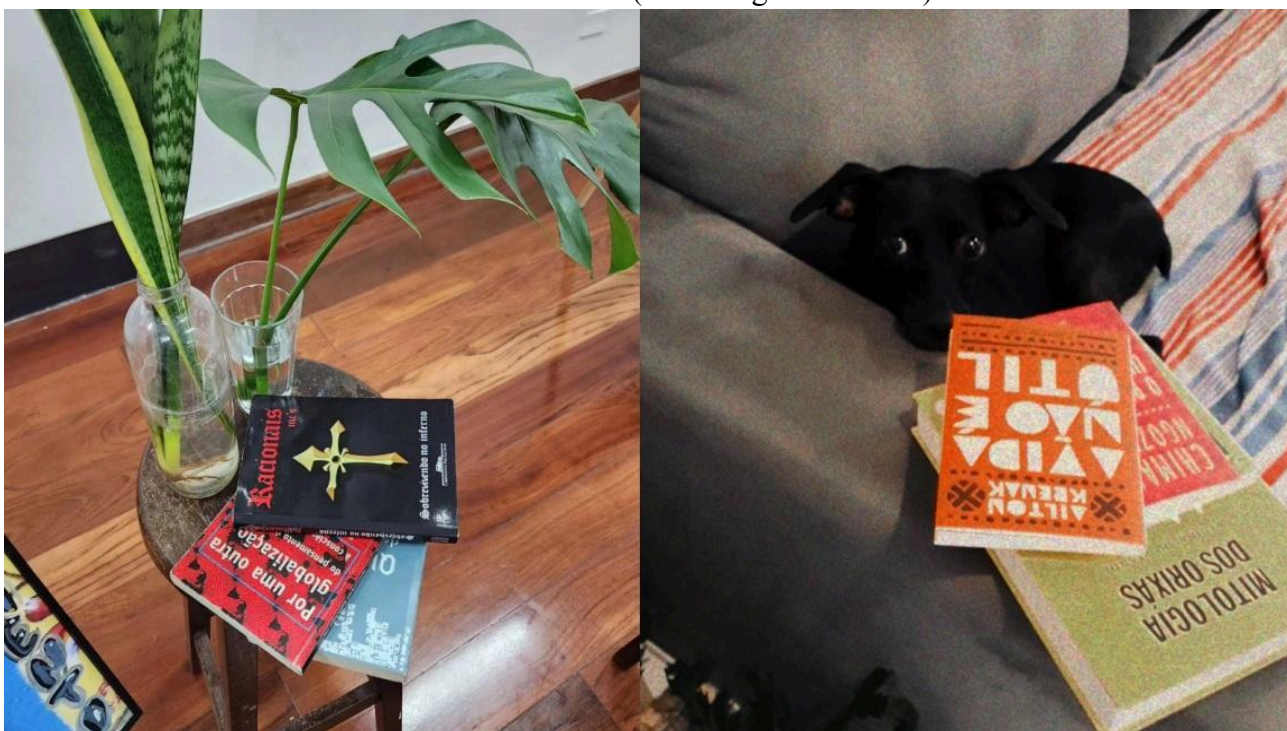
Essa construção da Geografia Negra mencionada pela professora é mais um ponto que merece destaque por ser mais um indicativo dessa atuação contra-hegemônica, pois retrata um forte movimento decolonial de desconstrução do currículo. Também foi perguntado se a professora ainda sente falta de debater essas questões, agora que já tem anos trabalhando na escola pública, pergunta que foi respondida da seguinte maneira:

Hoje, por mais que não tenha, eu vou levar, a minha formação não contemplou tudo, mas eu já tenho consciência que eu preciso trazer, o mestrado me deixou muito mais consciente, voltar a estudar me trouxe esse lugar. Faltam muitas lacunas, mas acho que seria pior se eu tivesse parado, que é o que tem acontecido com grande parte dos professores que não se preocupam em rever sua formação, mas essa não preocupação também tem a ver com um processo de precarização e sucateamento de uma profissão, mas isso não tira a responsabilidade do professor (Entrevista à pesquisadora, 2023).

Considerando que "a maioria de nós frequentamos escolas onde o estilo de ensino refletia a noção de uma única norma de pensamento e experiência, a qual éramos encorajados

a crer que fosse universal"(hooks, 2013, p. 51), essa atitude de continuar buscando conhecimentos além daqueles que foram oferecidos na sua graduação é também um revelador dessa atuação contra-hegemônica, pois para que se ensine a partir de outras perspectivas que não uma perspectiva eurocêntrica que sempre fomos ensinados é necessário, antes de mais nada, conhecer essas outras visões. A exemplo disso podemos ver pelos livros na Figura 2 uma das formas dessa busca.

Figura 3 - A esquerda os livros expostos na Semana da Consciência Negra, e a direita outras leituras de Juliane (com Alegria ao fundo).



Fonte: Juliane Ribeiro, 2023.

Em sua fala, a professora também expressa o enorme senso de responsabilidade que sente por estar em sala de aula e o quanto ter tido a experiência de fazer um mestrado lhe deixou mais consciente nesse sentido. Em outro momento da entrevista, também falou sobre como antes de fazer o mestrado não tinha muito repertório teórico para discutir certas questões, nem mesmo sabia que haviam nomes e discussões sobre o que ela já fazia em sala de aula, pois ela fazia apenas porque achava interessante.

Se Juliane Ribeiro, que é mestre, ainda afirma faltar muitas lacunas, imaginemos então o cenário desastroso que temos na rede estadual de São Paulo em que milhares de professores de Geografia sequer são formados em Geografia, onde, sob a justificativa falaciosa de um “notório saber”, mais vale um docente alienado que apenas faça o que é mandado do que um

professor com uma formação teórica que lhe forneça capacidade de pensar criticamente sobre a construção do currículo, a execução e o resultado do seu próprio trabalho no chão da escola.

Apesar de tudo, a resistência segue sendo uma possibilidade:

A rebeldia pulsa no corpo da escola e a contradição é uma constante nos discursos de todos os envolvidos no processo educativo; mais que isto, sob uma aparente impessoalidade, pode-se captar a ação constante da subjetividade. A burocracia não tem o poder de eliminar o sujeito; pode, no máximo, amordaçá-lo (Patto, 2015, p. 423).

É nesse cenário de luta intensa, por vezes desanimadora, mas constante, que Juliane Ribeiro aparece como uma pedra no meio do caminho daqueles que querem controlar o que acontece nas escolas sem vivenciar o cotidiano delas, ressignificando na prática essas políticas que visam tomar dos alunos das escolas públicas brasileiras o direito ao acesso aos conhecimentos historicamente acumulados.

A CONSTRUÇÃO DA ESCOLA PÚBLICA COMO UM LUGAR DE PERTENCIMENTO

Muitas vezes utilizado apenas como referência a alguma localização específica, o conceito de lugar enquanto uma categoria de análise da Geografia carrega uma relação de afetividade que não deve ser desconsiderada. A frase “aqui é o meu lugar” é muito conhecida por ser comumente utilizada quando as pessoas querem dizer o quanto se sentem confortáveis em algum ambiente (que não necessariamente é a sua própria casa).

Em seu livro *Pertencimento: uma cultura do lugar*, bell hooks registra seus pensamentos e experiências sobre questões de lugar e pertencimento, e o primeiro ponto dessa discussão que podemos destacar é: O que significa pertencer a algum lugar e quais são as sensações que revelam essa condição de pertencimento?

A sensação de pertencimento envolve o resgate de hábitos ancestrais, e que a ancestralidade nos remonta como coletividade. Essa coletividade representa uma cultura do lugar, de ser, existir, reexistir e resistir. [...] Sensação de retorno ao lar, a sensação de estar ligada a um local, a vontade de manter raízes no solo familiar e a certeza de saber o seu lugar (hooks, 2022, p. 21).

Consequentemente, ao dizer que em algum lugar temos a sensação de pertencimento somos levados a entender um outro aspecto dessa discussão que é o sentimento contrário, o do não pertencer. Nesse sentido, e inclusive por todas as experiências que atravessaram a vida da autora enquanto uma mulher negra, bell hooks destaca o quanto o racismo e o sexismo estão nas origens dessa sensação de não pertencimento, e o quanto passou toda a sua vida procurando um lugar ao qual pertencer. Ao retomarmos as experiências duras e cruéis da professora Juliane no Ensino Fundamental, não seria ingênuo acreditar que havia ali uma sensação de não pertencimento, que provavelmente não era sentida somente por ela, mas por todas as crianças e adolescentes negros que tiveram intenso contato com o racismo na educação básica onde se perceberam como seres racializados.

Nessa busca para saber onde se sentia em casa, a autora fez uma lista do que seria necessário para a construção de uma sensação de pertencimento, uma cultura do lugar. Conta como fora de Kentucky, que descobriu ser o seu lugar de pertencimento, ela se sentia em um estado de colapso espiritual, como se o seu corpo estivesse e não estivesse presente ao mesmo tempo, e que a busca por esse lugar se constituiu como um processo de cuidado e de cura. Segundo ela, “foi um processo de despertar, de sair do transe em direção à realidade, de aprender a estar presente por inteiro” (hooks, 2022, p. 50).

É interessante notar o quanto a descoberta de Kentucky como destino de bell hooks é revelador do quanto esse lugar de pertencimento não significa necessariamente um lugar perfeito, ausente de opressões e contradições:

Minha decisão de voltar a morar no Kentucky surgiu quando passei a ter cada vez mais consciência de que tudo que me desagradava no meu estado natal (a persistência de um racismo cruel e violento no dia a dia e os pressupostos patriarcais permanentes) foi se tornando cada vez mais a norma em todos os lugares (hooks, 2022, p. 111).

Esse processo é revelador de que um mesmo local pode nos causar, em algum momento, uma sensação de não pertencimento e, em outro, ser o nosso lugar de pertencimento. Demonstrando que esse processo de cura diz respeito a um movimento de construção de uma cultura de pertencimento a todos que se fazem presente no lugar. Nesse sentido, não só o lugar é importante para as pessoas que estão ali, como também as pessoas são necessárias para a transformação e renovação desse lugar.

Consequentemente, essa cultura do pertencimento está intimamente ligada a uma sensação de comprometimento e responsabilidade com esse lugar. Nesse sentido, destacamos o quanto a busca pela construção da escola pública como um lugar de pertencimento é notada em diversos momentos da entrevista com a professora Juliane Ribeiro, que se demonstrou muito preocupada com o quanto a escola precisa ouvir mais os seus alunos e o quanto os professores e gestores precisam ser mais comprometidos e responsáveis até porque escolheram estar ali.

Ao se preocupar com o quanto a escola pode ser desinteressante para os alunos e, consequentemente, afastá-los, a professora conta que está sempre em busca de trazer coisas diferentes em cada aula, para ver se surge uma curiosidade do que será que vai acontecer na aula seguinte e um maior interesse dos alunos em participar e se fazerem presente de corpo inteiro na sala de aula. Mas desabafa que esse questionamento constante que ela faz sobre o que pode despertar a curiosidade dos estudantes é um lugar que exige um processo criativo muito trabalhoso e que nem sempre é reconhecido.

Juliane diz que sempre busca sair com eles e dar aula além dos muros da escola. Em 2019, por exemplo, os alunos tiveram a oportunidade de conhecer a Universidade de São Paulo, participar da Semana de Geografia da USP, visitar o Museu de Geociências⁸,

⁸ Museu do Instituto de Geociências (IGc) da USP, com acervo diversificado de geologia, mineralogia e paleontologia.

participaram de um projeto fotográfico no Instituto Moreira Salles - IMS⁹ e também saíram para transitar e ver o território ao redor da escola com um projeto de cidade e memória, utilizando a fotografia como recurso.

Em 2020 e 2021 atividades como essa evidentemente não foram possíveis por conta da pandemia da Covid-19 e necessidade de isolamento social, mas em 2022 essas estratégias de aproximação dos alunos em relação à escola puderam ser postas em prática novamente. Com isso, os alunos foram levados para o IMS e para assistir Medida Provisória¹⁰. Juliane conta que além desses projetos também encabeçou a festa de formatura, a Semana da Consciência Negra, e um trabalho de campo em Santos para discutir sobre urbanização, deterioração e revitalização de áreas urbanas, gentrificação e especulação imobiliária. Nesse último, especificamente, ao destacar que a escola conseguiu levar para Santos pessoas que nunca tinham visto o mar na vida, a professora expressou o quanto se sentiu e se sente realizada quando conquista esses feitos junto aos seus alunos.

Segundo a professora, essas conquistas a revigora e, é justamente isso, que a motiva a continuar

Esse lugar de motivação vem desse lugar de transformação. Eu sempre pensei a escola como lugar muito potente, eu sempre imaginei a sala de aula como um espaço de muito poder. E realmente, é de tanto poder que a gente disputa ali narrativas, disputa currículo, né? Então como eu acho que é um lugar muito poderoso, e como eu acho que a gente pode transformar muita coisa através daquilo ali, eu sinto que é mega importante estar ali, sabe? Eu preciso estar ali (Entrevista à pesquisadora, 2023).

É no chão da escola pública, portanto, que ela encontra aspectos positivos da cultura de pertencimento que não encontra igual em nenhum outro lugar, por isso a potência da afirmação “Eu preciso estar ali”. Vemos que a todo momento a professora reconhece, diria até que com brilho nos olhos, essa importância que é estar no chão da escola pública, destacando, e prefiro aqui deixar novamente em suas próprias palavras, o quanto a escola é “um espaço poderoso, de possibilidades, de construção, de transformação”, além de ser também um ponto de partida, e que é justamente por isso que querem cada vez mais precarizá-la.

A professora comenta que nesse ano de 2023 as turmas não foram fáceis, e ela não se sentia confortável de criar e trazer coisas diferentes, pois o 9º ano é muito trabalhoso e apesar

⁹ Organização sem fins lucrativos, tendo por finalidade exclusiva a promoção, a formação de acervos e o desenvolvimento de programas culturais nas áreas de fotografia, literatura, iconografia, artes plásticas, música e cinema.

¹⁰ Filme dirigido por Lázaro Ramos, 2022. Em um futuro distópico, o governo brasileiro decreta uma medida provisória, em uma iniciativa de reparação pelo passado escravocrata, provocando uma reação no Congresso Nacional, que aprova uma medida que obriga os cidadãos negros a migrarem para a África na intenção de retornar a suas origens. (Fonte: [Adoro Cinema](#)).

de todo o esforço e trabalho eles brigam muito e muitas vezes são homofóbicos, machistas e intolerantes – o que nos leva, mais uma vez, a entender o quanto esse lugar de pertencimento não é por si só um ambiente ausente de opressões. Destaca também que nem todos conseguem ter a noção dessa dimensão política da escola e dos professores, relatando inclusive que já disseram que ela deveria ser parlamentar ou de alguma forma estar na política, e a resposta foi que ela já faz a política dela na sala de aula que, por sua vez, é construída a partir do afeto e do diálogo.

E é a partir desse afeto e diálogo que Juliane constrói o seu papel atuando para o fim dessas opressões. Papel esse que é motivado pelas suas próprias experiências:

É essa miscelânea de coisas que deixou várias cicatrizes, realmente não foi fácil, e eu cheguei na escola e vi que ainda não tava sendo fácil para as minhas alunas, que elas estavam passando pelas mesmas coisas que eu tinha passado, por isso toda essa força para querer fazer as coisas, porque eu não queria que essas meninas tivessem tantas cicatrizes igual eu sinto que agora eu tenho (Entrevista à pesquisadora, 2023).

E talvez o exemplo mais claro e intenso disso seja, além da Semana da Consciência Negra, o seu projeto fotográfico Deixa o Cabelo da Menina no Mundo (DCMM). Iniciado em 2015, assim como a Semana, esse projeto está atualmente em sua 9ª edição. Em sua dissertação de mestrado, a professora conta que a inspiração para o título veio da jornalista e curadora Diane Lima que disse em um TEDx Talks¹¹ a seguinte frase: “se a menina quer deixar o cabelo solto, deixa o cabelo da menina”. Logo, vemos que isso está de fato muito ligado a sua própria trajetória sabendo da importância que foi para a professora quando, no ensino médio, começou a fortalecer a sua negritude que no ensino fundamental era muito apagada pelas opressões que sofria.

Na sua compreensão de que a corporeidade dos sujeitos falam antes de qualquer coisa, e por entender a importância da escola na construção da identidade negra, a professora faz um trabalho intenso de fortalecimento da negritude e de valorização da estética negra de suas alunas e alunos através desse projeto. Nesse sentido, a professora, ao olhar para os corpos negros ou os que fogem do padrão no ambiente escolar, entende o quanto esses corpos carregam lutas silenciosas contra os estigmas e a marginalização, e que a busca pela construção de uma identidade negra positiva passa, portanto, pelo reconhecimento e respeito dessa corporeidade dos alunos com todas as suas bagagens (Ribeiro, 2022).

¹¹ Vídeos com falas de até 18 minutos, filmados nos eventos TEDx(de tecnologia, desenvolvimento e design), onde são convidados empreendedores e pensadores para darem palestras curtas.

É pensando nessa corporeidade e na valorização da estética negra que o cabelo, com a grande visibilidade e destaque que possui nos nossos corpos, e com a sua importância enquanto um símbolo identitário, é uma peça indispensável nesse exercício, daí o destaque merecido que recebe nesse projeto.

No desenvolvimento desse projeto, Juliane já foi muitas vezes questionada do porque ele é desenvolvido apenas com pessoas negras, como forma de diminuir a potencialidade do evento sob a justificativa de que ela estaria discriminando as alunas não-negras. Mas depois de muito ressaltar e explicar os motivos do porque isso acontece, hoje já não precisa mais se explicar tanto quanto antes.

Apesar de notar suas alunas muito mais fortalecidas do que como ela era quando estava no fundamental, a professora destaca que isso não vai livrá-las das discriminações, mas que é mais fácil se posicionar quando sabemos quem somos. As alunas, que relatam episódios que acontecem nas escolas, nas ruas e também nas suas casas com os familiares, encontram nesse projeto uma forma de construir um novo olhar para si, olhares diferentes daqueles recebidos nesses ambientes, um olhar de carinho, respeito e admiração. Nas fotografias, descobrem suas belezas naturais com seus cabelos crespos, e das demais participantes do projeto, além de encontrar um espaço em que possam compartilhar sentimentos coletivos, vivenciados por todas elas em algum momento de suas vidas, momento em que a professora consegue acessar esse lugar da luta silenciosa das suas alunas.

Nesse sentido, ao construir esse lugar de pertencimento para si dentro da escola pública, a professora busca, através da construção da sua Geografia Negra, alterar as estruturas que dizem às meninas e meninos negros que eles não são belos e dignos de afeto e respeito, como aconteceu principalmente em seu ensino fundamental.

Figura 4 - A professora Juliane Ribeiro e suas alunas no projeto DCMM.



Fonte: Juliane Ribeiro.

Com tudo isso, é interessante notarmos com a trajetória da professora como a escola saiu de um “mundo do cão” para um “mundo de possibilidades”, pois isso revela o quanto esse espaço que antes foi um cenário de exclusões diárias, de condições que não possibilitaria uma sensação de pertencimento, hoje se transforma em um espaço de luta que vai ganhando força através do diálogo, afeto e do amor. Assim, bell hooks não poderia estar mais certa quando escreveu que as pessoas procuram um lugar que acreditam poder mudar, um lugar no qual sua vida e seus esforços farão diferença, pois é justamente assim que Juliane se sente quando está no chão da escola pública.

Hoje, tamanha é a sensação de pertencimento que podemos relembrar inclusive a frase “Sou filha da escola pública”, demonstrando sua íntima relação e conexão com ela. Sendo algo que, de fato, exprime uma sensação e uma potência que só quem também é fruto da escola pública, assim como eu, seria capaz de entender.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão a respeito da atuação contra-hegemônica da Ms. Juliane Ribeiro nos deixa algumas considerações. A primeira que destaco é como ouvir sobre sua pessoalidade e profissionalidade revela processos contextuais e dinâmicos complexos de um ser social e histórico, de modo que ao falar sobre suas vivências ela não estava falando apenas sobre ela, mas também de uma cultura e de modos de uma sociedade enxergar a realidade que influencia direta ou indiretamente sobre o que ela, seus familiares, alunos, professores e demais fazem ou deixam de fazer.

Também foi possível notar como a questão do estágio aparece muito pouco - quase nada - nas experiências da professora. No geral, sinto que realmente não damos o devido valor a essa experiência por conta da forma que ela é proposta, se estivéssemos em um país que levasse a educação e a formação de professores mais a sério, o cenário seria outro, podendo tornar o primeiro contato com a escola em uma experiência menos chocante. Nesse sentido, precisamos urgentemente deixar que fale sobre a educação quem realmente entende sobre ela.

Além disso, conhecer os professores em suas particularidades, a partir do que eles dizem sobre si mesmos e sobre sua atuação em sala de aula é um processo revelador do quanto o silenciamento dessas vozes é de fato muito interessante para aqueles que controlam as políticas educacionais, uma vez que o que esses professores exigem para que tenhamos uma educação de qualidade não vai de encontro aos interesses dessa classe dominante.

Foi interessante perceber nesse processo de pesquisa o quanto uma análise reducionista dos dados educacionais ao longo dos anos produz imagens muito generalizadas sobre os professores, como se eles fossem todos iguais, motivados e desmotivados pelas mesmas razões, sem que se considere os marcadores sociais da diferença nessas visões intensamente disseminadas. Da mesma forma, podemos dizer sobre as imagens da escola pública onde mais são evidenciados os seus casos de fracasso do que os de sucessos, como se o seu fracasso fosse natural e não produzido, pois fica claro o quanto as escolas particulares se beneficiam e se sustentam da produção do fracasso da escola pública. Quantos e quantas mestres perdemos dessa última por conta da desvalorização?.

Enfim, visões e situações perigosas como essas acabam fomentando a nossa aceitação de que está tudo bem que os professores não tenham autoridade para falar sobre a escola pública, está tudo bem deixarmos que outras pessoas que de nada entendem da realidade escolar na prática falem por eles. Nesse sentido, a pesquisa, acima de tudo, reforça a importância da experiência e da voz dos docentes e a importância de se estudar as suas

singularidades que é também um exercício de humanização desse professor que não deixa de ser o que é quando entra na escola, pois a sua vida pessoal impacta nas visões de ensino e a prática dentro dela. Ao abarcar a vida pessoal, captamos coisas que não seriam possíveis captar apenas com uma análise da sua formação acadêmica.

As falas da professora também revelaram o quanto essa atuação contra-hegemônica exige não só o conhecimento do mundo sob diferentes perspectivas como também o conhecimento de si, de modo que o autoconhecimento aparece como uma chave muito importante de sustentação dessa atuação. É partir desse exercício também que sabe da importância de auxiliar seus alunos na busca por autoconhecimento, e da importância de reconhecê-los enquanto sujeitos e não como números.

Com tudo isso, entendemos que a experiência de Juliane Ribeiro enquanto docente jamais poderia ser comparada a de um homem branco professor de Geografia na Escola Estadual Professora Marina Cintra, por exemplo, ainda que estivéssemos falando da mesma disciplina e da mesma unidade escolar. Quando fez a entrevista na escola particular, por exemplo, Juliane não pôde deixar de expressar o seu descontentamento com o fato de ser a única professora negra no processo seletivo. Talvez por isso, essa indissociabilidade entre pessoalidade e profissionalidade seja tão presente no discurso da professora, já que ela, sendo uma mulher negra, não consegue olhar para os seus alunos e alunas sem se lembrar de quem ela mesmo é, das suas memórias e das suas vivências passadas, mas também atuais.

De fato, algumas experiências são muito particulares, enquanto outras, mais relacionadas à formação acadêmica, revelam dificuldades que muitos outros professores também tiveram e terão, assim como ela. Uma formação acadêmica de professores marcada por apagamento de presença física e epistêmica de pessoas pretas, e construída sob a lógica hegemônica sem que se considere as condições reais de uma escola pública e os marcadores sociais da diferença dos corpos presentes nela, certamente está fadada ao fracasso, produzindo o choque que os docentes levam quando entram em contato com uma sala de aula multicultural e multiétnica.

Pensando em como essa pesquisa poderia contribuir para a minha formação enquanto futura docente, achei interessante notar que, com a utilização que faz das redes sociais para a divulgação dos eventos que realiza na escola, a professora mostra como esse recurso é de fato convidativo e pode contribuir para que o maior número possível de pessoas se interesse em colaborar e/ou comparecer, fortalecendo uma rede de contatos para poder construir essa Geografia Negra no chão da escola pública.

Por fim, não poderia deixar de dizer o quanto as palavras de Juliane, por mais que o tempo tenha passado, não dói apenas nela, mas dói também em mim, profundamente. Não apenas porque me sensibilizo, mas porque enquanto mulher negra entendo com as minhas próprias experiências de quando era apenas uma menina, pois foi também na escola que me tornei negra. Doeu em Juliane, doeu em mim, dói nos seus alunos(as) e provavelmente irá doer nos meus também, pois não mudaremos essa estrutura em tão poucos anos. Mas a professora certamente mostra um caminho de diminuição dessas dores que me inspira enquanto futura docente. Nessa pesquisa, Juliane Ribeiro me ensinou que é duro falar sobre as nossas cicatrizes, mas ao mesmo tempo é uma forma muito potente de abrir espaço para que as outras pessoas sintam-se confortáveis para falar sobre as suas também, e entender que algumas experiências não são singulares e sim coletivas, o que é, ao meu ver, uma das peças-chaves para a construção da escola pública como um lugar de pertencimento.

REFERÊNCIAS

- CHAUÍ, Marilena. O que é ideologia. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- APPLE, M. W. Ideologia e currículo. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- FREIRE, P.; SHOR, I. O SONHO DA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL: COMO COMEÇAR SEGUNDA-FEIRA DE MANHÃ? TEMOS O DIREITO DE MUDAR A CONSCIÊNCIA DOS ALUNOS?. In: Medo e Ousadia. São Paulo: Paz e Terra, 1986.
- LAVAL, Christian. A nova linguagem da escola. In: A Escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público. Londrina: Editora Planta, 2004.
- hooks, bell. Abraçar a mudança: o ensino num mundo multicultural. In: Ensinando a transgredir. Martins Fontes : São Paulo, 2013.
- hooks, bell. Pertencimento. Editora Elefante, 2022.
- NÓVOA, António. Professores Imagens do Futuro Presente. Lisboa: Educa, 2009.
- GOODSON, Ivor F. A Vida E O Trabalho Docente. Editora Vozes, 2022.
- SILVA, T. T. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- REDE ESCOLA PÚBLICA E UNIVERSIDADE. Nota Técnica sobre o Programa Ensino Integral (PEI) [Nota Técnica]. 2ª edição. São Paulo: REPU, 17 jun. 2021. Disponível em: www.repu.com.br/notas-tecnicas. Acesso em: 15 de Dezembro de 2023.
- VITIELLO, M. A.; CACETE, N. H. Currículo, poder e a política do livro didático de geografia no Brasil. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, v. 26, e260013, 2021.
- PATTO, M. H. S. A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e Rebeldia. 4 edição. São Paulo: Intermeios, 2015.
- RIBEIRO, Juliane S. O chão da escola pública e as suas possibilidades: a disputa do currículo e a construção de uma Geografia Negra. 2022. 184 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.
- TRIVIÑOS, A. N. S. A Pesquisa Qualitativa em Educação. In: Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais. São Paulo: Atlas, 2008, p. 116-136.
- RUDIO, F. V. O problema metodológico da pesquisa. In: Introdução ao projeto de pesquisa científica. 35º ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008, p 9-21.

BOGDAN, C. R.; BIKLEN, K. S. Estudos de caso. In: *Investigação Qualitativa em Educação*. Portugal: Porto Editora, 1994, p. 89-97.

GODOY, S. A. Introdução a pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas (RAE)*, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, Mar./Abr. 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/wf9CgwXVjpLFVgpwNkCgnnC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 de Janeiro de 2024.

APÊNDICE

ROTEIRO DA ENTREVISTA COM A DOCENTE

Pessoalidade

1. Nome completo?
2. Idade?
3. Como você se descreveria?
4. Você possui algum hobby? Alguma atividade que gosta de fazer quando não está trabalhando?
5. Tem alguma religião?
6. Onde nasceu e cresceu?
7. Onde mora atualmente?
8. Mora com quem? Sempre foi assim?
9. Como foi a infância? Como a família era composta e como era a sua relação com ela?
10. Como foi o processo de escolarização na educação básica? (Acesso/permanência? Escola pública ou particular? Iniciou com quantos anos?)
11. Quais são as memórias marcantes *positivas* que você destacaria desse momento da sua vida? (Se preferir pode falar especificamente de cada etapa - ensino infantil, fundamental e médio)
12. E quais são as memórias *negativas* desse período?

13. Como você descreveria a sua trajetória desde o seu primeiro contato com a escola até onde você está hoje? O que isso significa para você?
14. Por que escolheu ser professora? Se lembra quando e qual foi a motivação inicial para essa escolha?
15. Por que escolheu a Geografia? Já era uma disciplina que você gostava na educação básica?
16. Desde que decidiu que seria professor(a), em algum momento pensou em desistir? Se sim, o que te faz continuar?

Profissionalidade

1. Qual a área de formação? Bacharelado e/ou Licenciatura? É a mesma da área de ensino?
2. Em que instituição se formou? Há quanto tempo?
3. Fez ou faz alguma pós-graduação?
4. Participa de grupos/encontros de formação continuada de professores?
5. Há quanto tempo atua como professora em escola pública?
6. Dar aulas em escola pública foi uma preferência pessoal?
7. Há quanto tempo você ensina essa matéria?
8. Trabalha em mais de uma escola? Quantas horas-aulas semanais?
9. Em quais modalidades de ensino já atuou?
10. Quando e como foi sua primeira experiência profissional como docente?

11. Quais são as suas maiores dificuldades/desafios enquanto professora de escola pública?
12. Quais são os seus maiores desafios enquanto professora de Geografia especificamente?
13. Já aconteceu alguma experiência marcante em que você sentiu a necessidade de mudar a sua metodologia em sala de aula?
14. Como é a sua relação com as diferentes turmas?
15. Para você, o que explica os casos de evasão e repetência dos alunos? E as notas baixas?
16. Quais são as estratégias que você busca pôr em prática na tentativa de aproximar da escola esses alunos que estão mais vulneráveis a esses casos?
17. A sua atuação na escola pública segue o que consideramos como uma atuação contra-hegemônica. Por que você trabalha dessa forma?
18. Conte como se dá a sua relação com os demais docentes e a coordenação? Houve momentos em que se sentiu sozinha nessa atuação?
19. Quais são os desafios que você já enfrentou por isso (tanto em relação a professores e diretores quanto a alunos e familiares)?
20. De que forma você considera que a sua formação acadêmica influenciou o seu olhar e a sua atuação na escola pública hoje?
21. Em relação a teoria e a prática, você acredita que a sua formação acadêmica te deixou preparada para lidar com os desafios cotidianos da escola pública?

22. Em relação a sua formação, há algo que você sentiu falta de ter estudado/debatido antes de dar aula em escola pública? E durante a sua atuação na escola pública, o que sente necessidade de debater?
23. Quais são os seus planos para o futuro em sua carreira como professora?

Pergunta para encerrar

Como você se sentiu ao responder essas perguntas sobre a sua história em relação a vida docente?